

PALAVRAS DE SILO

por ocasião do ato em comemoração ao trigésimo aniversário
Punta de Vacas, Mendoza, Argentina
4 de maio de 1999

Queridos amigos,

Aqui estamos novamente! Aqui estamos nesta celebração, rodeados por uns poucos amigos que estiveram presentes desde o começo de nossas atividades e também estamos em companhia de outros que mais recentemente têm nos acompanhado nesta difícil tarefa de humanização em um mundo que, em direção inversa a nossas aspirações, desumaniza-se a cada dia.

Por outro lado, e em consideração a alguns dos presentes que não contam com uma versão adequada de nossos trabalhos e de nosso ideário, acreditamos que é justo desenvolver para eles alguns pontos que, embora excessivamente simplificados, podem dar-lhes uma imagem aproximada dos fatos que deram origem a esta corrente de pensamento e ação que se expressou publicamente pela primeira vez nesta mesma paragem desolada há trinta anos atrás.

Corria a década de 60. Já havia passado a barbárie da segunda guerra mundial há muito tempo e ocorria em alguns lugares um grande processo de reconstrução econômica e de reordenamento social. Entretanto, os conflitos bélicos continuavam, a fome e as desigualdades se estendiam em vastas latitudes e a capacidade de destruição massiva crescia sem freio. O mundo tinha se tornado bipolar e em ambos os blocos se pregava que o armamentismo era necessário para evitar a agressão do oponente. Nessa situação, o globo foi dividido entre ideologias que estavam em condição de atuar como instrumento de dominação, mas que não estavam em condição de entender o momento histórico em que se encontravam e muito menos entender o processo para o qual eram arrastadas. A crise de civilização que começou a se expressar nessa época não foi, entretanto, um fenômeno original, mas a simples continuação e exacerbação dos mesmos fatores que haviam contribuído para gerar as monstruosidades e as catástrofes mundiais. É nesse clima de mal-estar geral em que irrompem os fenômenos juvenis daquela época, entre os quais há um pequeno grupo que se inicia nestas latitudes e vai se estendendo a pontos cada vez mais distantes. Esse grupo não pode se expressar livremente, porque já nesses tempos começam a ocorrer as ditaduras e, quando a atividade militante de seus membros os leva à necessidade de comunicar suas propostas a conjuntos mais numerosos, começa a desatar o conflito que logo leva à prisão e à deportação de tantos jovens que gostaria de recordar neste momento – jovens valorosos do Chile e da Argentina, que terminaram desenvolvendo no exílio esse movimento nascente. Queremos também recordar especialmente os primeiros membros da Espanha, Itália e Estados Unidos, que acolheram solidariamente os exilados daquela época. Hoje se encontram presentes vários destes antigos amigos que continuam unidos por tantas experiências comuns. Para todos eles, nossa cálida saudação.

Mas continuemos com nosso relato. Na década de 70, começa a se articular a organização de A Comunidade para o Desenvolvimento Humano. Trata-se de uma agrupação social e cultural que, com o passar dos anos, seria reconhecida pelas Nações Unidas. Nesse momento, já se fixam parâmetros doutrinários mais precisos e se estabelecem as características desse novo tipo de movimento, que já não pode ser confundido com o espontaneísmo de outros grupos, naquele momento em franca decadência e desintegração. É a partir de A Comunidade para o Desenvolvimento Humano (esse organismo cujo logotipo podia ser visto como um triângulo inscrito em um círculo), que começa a se desenvolver um numeroso conjunto de clubes culturais, organizações sociais e de bairro e agrupações de base. Assim vai se formando lentamente este Movimento Humanista, que se expande através de diversas expressões, que vão desde campanhas de alfabetização em países do Caribe e da África, até o trabalho de saúde social em que atuam médicos, paramédicos e colaboradores com muitas limitações, mas grande espírito, em vários pontos do mundo. Este Movimento Humanista tão diversificado em suas atividades sociais e culturais também dá origem a partidos políticos que começam a se articular

na década de 80. Já na década de 90, o Movimento alcança sua plena maturidade conceitual, define-se como Humanismo Universalista ou como Novo Humanismo e se diferencia nitidamente dos antigos humanismos com os quais não guarda relação orgânica nem ideológica. Neste ano em que estamos, prepara-se para realizar uma completa avaliação da atuação desde seus primeiros passos e pretende definir sua estratégia para o século que vem.

Para completar nosso quadro expositivo, diremos que o que termina definindo este movimento não é uma determinada ação política, uma ação social ou uma atividade cultural, mas um conjunto de ideias e um estilo de comportamento.

Simplificando ao máximo as propostas mais gerais deste movimento, poderíamos dizer que este propicia primeiramente a localização do ser humano como valor e preocupação central, de tal modo que nada esteja acima do ser humano, nem que um ser humano esteja acima de outro. Em segundo lugar, afirma a igualdade de todas as pessoas e, portanto, trabalha pela superação da simples formalidade de direitos iguais perante a lei para avançar em direção a um mundo de oportunidades iguais para todos. Em terceiro lugar, reconhece a diversidade pessoal e cultural e, portanto, afirma as características próprias de cada povo, condenando toda discriminação que se realize em função de diferença econômica, racial, étnica e cultural. Em quarto lugar, apoia toda tendência ao desenvolvimento do conhecimento por cima das limitações impostas ao pensamento por prejuízos aceitos como verdades absolutas ou imutáveis. Em quinto lugar, afirma a liberdade de ideias e crenças e, por último, repudia toda forma de violência, entendendo não somente a violência física como único fator, mas a violência econômica, a violência racial, a violência religiosa, a violência moral e psicológica como casos cotidianos arraigados em todas as regiões do planeta.

Estas propostas de considerar o ser humano como valor central, de propiciar a igualdade de oportunidades para todos, de reconhecer a diversidade opondo-se a toda discriminação, de apoiar a liberdade de pensamento e de lutar contra toda forma de violência caracterizam nosso pensamento e nossa ação nos aspectos mais gerais. Ao mesmo tempo, estas propostas terminam configurando um estilo de vida e um modo de relação do mais alto valor moral, que pode expressar-se nesta frase: “Trata os demais como queres que te tratem!”.

Por último, deve-se destacar como determinante de nosso comportamento a participação em todos os campos, a fim de levar adiante as propostas antes mencionadas. Participar das áreas cultural, social e política com a maior energia e tenacidade de que sejamos capazes vai além de ser uma recomendação de nosso movimento para transformar-se em uma necessidade desta época crítica em que estamos vivendo. O argumento de que tudo está em mãos de um sistema infinitamente poderoso e violento, que o êxito pertence aos corruptos e aos incapazes, em vez de ser motivo de aceitação para nossa condição de seres humilhados e submetidos, deve transformar-se em um estímulo fundamental para mudar o estado das coisas públicas.

Por outro lado, destacamos também a dimensão do estritamente pessoal e do interpessoal, que embora inscritos no contexto social, constituem o núcleo de nossa existência. As relações pessoais deterioradas hoje ao máximo mostram o aumento de uma violência surda na qual o “você” e o “nós” vão desaparecendo e na qual o indivíduo lançado à solidão e ao atordoamento já não encontra saídas. Devemos reafirmar neste campo que todo ser humano tem direito a se perguntar pelo sentido da vida, pelo amor, pela amizade, por tudo aquilo que diz respeito à poesia e à grandeza da existência humana e que uma estúpida e pequena cultura materialista trata de degradar, arrastando tudo para os antivalores e a desintegração.

Nesta situação em que estamos vivendo, reconhecemos o triunfo provisório da cultura do anti-humanismo e declaramos o fracasso de nossos ideais que não puderam se cumprir. Mas os triunfadores de hoje não possuem o futuro assegurado, porque uma nova espiritualidade começa a se expressar em todo o mundo – não é a espiritualidade da superstição, não é a espiritualidade da

intolerância, não é a espiritualidade do dogma, não é a espiritualidade da violência religiosa, não é a pesada espiritualidade das velhas tábuas nem dos desgastados valores; é a espiritualidade que despertou de seu profundo sono para nutrir novamente os seres humanos em suas melhores aspirações.

Se hoje temos que declarar nosso fracasso, também temos que anunciar uma nova civilização que está nascendo, a primeira civilização planetária da história humana. E, portanto, aquelas crises que sobrevêm e ainda sobrevirão em um futuro próximo servirão, não obstante seu infortúnio, para superar esta última etapa da pré-história humana. E cada qual saberá se decide ou não acompanhar esta mudança e cada qual compreenderá se busca ou não uma renovação profunda em sua própria vida.

Neste trigésimo aniversário que celebramos, quero fazer chegar a mais cálida recordação a nossas centenas de milhares de amigos no mundo e, ao mesmo tempo, saudar fraternalmente os que hoje aqui nos acompanham.

Paz, força e alegria para todos!

Silo